



resenha

tornar-se professora pode ser uma arte quilombola menina?

CUNHA, Edna Olímpia da. *Por um devir quilombo na escola pública: resistir com infâncias na filosofia*. Rio de Janeiro: NEFI, 2025.

autoras

ana corina salas correa

universidade do estado do rio de janeiro,
brasil

e-mail: anacorinasalascorrea@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0239-0420>

renata karla magalhães silva

universidade do estado do rio de janeiro,
brasil

e-mail: renatakmsilva@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-0924-9302>

cristiane fátima silveira

universidade do estado do rio de Janeiro,
Brasil

e-mail:

cristianesilveirapedagogia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6349-2848>

doi: 10.12957/childphilo.2025.93993



resumo

Fruto da pesquisa de doutorado da professora e pesquisadora da escola pública Edna Olímpia da Cunha, o livro *Por um devir quilombo na escola pública: resistir com infâncias na filosofia*, da NEFI Edições, certamente vai interessar àquelas pessoas que vivem e/ou sonham “o ofício docente” enquanto uma arte de aquilombar e resistir. Edna Olímpia desenvolve uma escrevivência a partir da sua participação enquanto professora no projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”, promovido desde o ano de 2007 na Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha, em Duque de Caxias (RJ), em parceria com o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI). Essa experiência concreta com o projeto serve como ponto de partida do livro, que amplia a escuta das infâncias e articula essas vozes com questões filosóficas e educativas mais amplas. De fato, a autora relata que as suas inquietações são movidas pelo convite a filosofar feito pelas próprias crianças que já participavam das experiências de pensamento realizadas no projeto. Assim, o livro versa sobre a relação entre filosofia e educação numa escola

pública de periferia, evidenciando a importância do diálogo, da escuta e do reconhecimento das infâncias como potências afirmativas da vida. O texto destaca a potência da parceria entre a escola e a universidade pública.

palavras-chave: experiência; filosofia; escola; professora; quilombo.

becoming a teacher can be a quilombola childlike art?

abstract

The book *Por um devir quilombo na escola pública: resistir com infâncias na filosofia*, published by NEFI Edições, is the result of the doctoral research of public school teacher and researcher Edna Olímpia da Cunha. It is a book that will certainly interest those who live and/or dream of "the teaching profession" as an art of *aquilombar* (quilombo-making) and resisting. Edna Olímpia develops a *escrevivência* (life-writing) from her participation as a teacher in the project "Filosofia: Em Caxias a Filosofia En-caixa?!", promoted since 2007 at Joaquim da Silva Peçanha Municipal School, in Duque de Caxias/RJ, in partnership with the Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI – Center for Studies on Philosophies and Childhoods). This concrete experience with the project serves as the starting point of the book, which expands the listening to childhoods and connects these voices with broader philosophical and educational questions. Indeed, the author reports that her concerns are moved by the invitation to philosophize made by the very children who were already participating in the thinking experiences carried out in the project. Thus, the book addresses the relationship between philosophy and education in a public school on the urban periphery, highlighting the importance of dialogue, listening, and the recognition of childhoods as affirmative forces of life. The text emphasizes the strength of the partnership between the school and the public university.

keywords: experience; philosophy; school; teacher; quilombo.

¿convertirse en profesora puede ser un arte “niña quilombola”?

resumen

Fruto de la investigación doctoral de la profesora e investigadora de escuela pública Edna Olímpia da Cunha, el libro *Por un devenir quilombo en la escuela pública: resistir con infancias en la filosofía*, de NEFI ediciones, es un libro que sin duda interesará a aquellas personas que viven y/o sueñan “el oficio docente” como un arte de *aquilombar* y resistir. Edna Olímpia desarrolla una “*escrevivência*” a partir de su participación como profesora en el proyecto “Filosofía: Em Caxias a Filosofia En-caixa?!”, promovido desde el año 2007 en la Escuela Municipal Joaquim da Silva Peçanha, en Duque de Caxias/RJ, en colaboración con el Núcleo de Estudios de Filosofías e Infancias (NEFI). Esta experiencia concreta con el proyecto sirve como punto de partida del libro, que amplía la escucha de las infancias y articula esas voces con cuestiones filosóficas y educativas más amplias. De hecho, la autora relata que sus inquietudes son movidas por la invitación a filosofar hecha por las propias niñas y niños que ya participaban en las experiencias de pensamiento realizadas en el proyecto. Así, el libro trata de la relación entre filosofía y educación en una escuela pública de la periferia, evidenciando la importancia del diálogo, de la escucha y del reconocimiento de las infancias como potencias afirmativas de la vida. El texto destaca la fuerza de la colaboración entre la escuela y la universidad pública.

palabras clave: experiencia; filosofía; escuela; profesora; quilombo.

*tornar-se professora pode ser uma arte quilombola menina?*¹

Fruto da pesquisa de doutorado da professora e pesquisadora Edna Olímpia da Cunha, o livro *Por um devir quilombo na escola pública: resistir com infâncias na filosofia*, da NEFI Edições², certamente vai interessar àquelas pessoas que vivem e/ou sonham “o ofício docente” enquanto “[...] uma arte de estar em atenção, de escuta, uma arte menina, arte de aquilombar e resistir, arte de quem começa e recomeça” (Cunha, 2025, p. 108).

Em suas palavras, a autora se reconhece como uma mulher negra, professora, dedicada às escolas da periferia, da favela, em contato permanente com suas gentes e suas histórias de vida. Foi a primeira de sua geração, em sua família, a chegar à universidade pública. Atualmente é professora da modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha, em Duque de Caxias (RJ). É integrante do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e participa do projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”, promovido em parceria entre ambas as instituições, desde o ano de 2007.

Edna Olímpia da Cunha inicia o texto destacando a potência da parceria entre a escola e a universidade. A autora evidencia que a construção dessa relação requer esforços, pois, muitas vezes, a escola se sente sob um olhar “verticalizado” da universidade, que tende a julgar e apontar ações que devem ser corrigidas.

A chegada do projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?” à escola trouxe um “fôlego” no combate a essa lógica hierárquica tão presente, sendo, “[...] quem sabe, uma outra aposta, um modo de a própria Filosofia em sua forma institucionalizada, dentro da academia, se colocar em questão em desafio às imagens hegemônicas de pensamento que ela mesma constrói” (Cunha, 2025, p. 29).

Essa experiência concreta com o projeto serve como ponto de partida do

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Como todos os livros publicados pela NEFI Edições, este está disponível gratuitamente no site: <http://filoeduc.org/nefiedicoes/>.

livro, que amplia a escuta das infâncias e articula essas vozes com questões filosóficas e educativas mais amplas. De fato, a autora relata que as suas inquietações são movidas pelo convite a filosofar feito pelas próprias crianças que já participavam das experiências de pensamento realizadas no projeto. Assim, o livro versa sobre a relação entre filosofia e educação numa escola pública de periferia, evidenciando a importância do diálogo, da escuta e do reconhecimento das infâncias como potências afirmativas da vida.

um livro, colcha de retalhos, escrevivência

Este livro se imagina e se costura como uma “colcha de retalhos”, nos próprios dizeres da autora, como aquelas que sua mãe costurava, juntando e aquilombando pedacinhos multicores. Contém partes trançadas e coloridas. Ideias e sentimentos podem se encontrar tanto em um lugar quanto em outro. Às vezes, em menor tamanho; outras, em maior, tornando difícil perceber onde começa e onde termina uma parte do entrelaçado. Como escreve Edna Olímpia da Cunha (2025, p. 41-42): “É um escrever, uma oralitura, entre a palavra proferida e a grafada, uma tentativa de aquilombar”.

Edna Olímpia da Cunha, fazendo uso da primeira pessoa, costura uma “escrevivência”. O termo, cunhado por Conceição Evaristo (2017), busca evidenciar uma simbiose entre a escrita e a vida – como se só fosse possível escrever a partir da própria vivência; ou como se viver, quando atravessado pela escrita, se tornasse uma forma de reviver. É uma escrita política que, em sua forma, afirma que tanto na escrita quanto no quilombo o aprendizado é coletivo.

A autora organiza sua escrita em sete grandes fragmentos, além da introdução, das considerações finais e dos anexos. Somado a isso, o livro conta com um prefácio de Wanderson Flor e um posfácio de Walter Kohan. Ambos são amigos da autora e aparecem como interlocutores ao longo da obra. Walter foi orientador e Wanderson, como parte da banca, também participou na orientação do trabalho.

No capítulo I, “Um emaranhado de vozes”, a autora rememora frases que apresentam diversos contextos vivenciados em seu percurso de pesquisa. Ela traz para a discussão a palavra “resistir”, na potência de um “vir a ser quilombo”

(Nascimento, 2022). Nesse capítulo, também nos deparamos com o termo “fisolofia”, que é a forma como as crianças se referem à filosofia na escola. A autora sustenta o termo ao longo do texto, em diálogo com o “pretuguês” de Lélia Gonzalez, convidando-nos a brincar com as palavras e enxergar outros sentidos nelas: “A ‘fisolofia’ pode ser um modo de educar a atenção, o olhar, de reparar mundos diversos no nosso mundo” (Cunha, 2025, p. 72).

No capítulo II, “Filosofar sonhando, sonhar ‘fisolofando’”, o convite é para pensar a relação entre a “fisolofia”, o sonho e as infâncias de periferia na escola. É nessa relação que aparece o quilombo. Edna Olímpia da Cunha apresenta, a partir de Beatriz Nascimento, os quilombos como resposta à necessidade de espaço vital e, a partir de Jorge Larrosa, as infâncias da sua escola como aquelas que sonham com espaços abertos. Seria possível fazer de uma escola um quilombo? Seria um quilombo um lugar de infância?

No capítulo III, “Das metamorfoses: cruzando caminhos”, o trabalho com uma turma de 7º ano aparece como foco do texto para olhar de perto o que acontece se compreendermos a educação enquanto arte. Edna Olímpia da Cunha coloca em diálogo o estudante Renan e o pensamento banto trazido por Nei Lopes a partir de Théophile Obenga, e expressa a beleza das relações entre arte, poesia, educação, resistência, movimento, brechas e fugas.

No capítulo IV, “O menino é o velho, o velho é o menino”, mais uma vez um estudante é colocado em diálogo com toda uma tradição de pensamento. Dessa vez, o menino Miguel, que desenha um coração conectivo, conflui com o filósofo egípcio Amenomope. Filósofo a partir do qual Renato Nogueira desenvolve a frase que será a faísca que atíça o pensar nessa experiência filosófica: “Pensar é um ato cardíaco”. No livro, todo o tempo Edna Olímpia da Cunha vai mostrando as confluências e chamando isso de aquilombar, nesses encontros entre os saberes e os fazeres produzidos na escola e na universidade, no presente e no passado.

No mesmo fio narrativo, a autora traz a comovente experiência de Seu Joaquim, que volta de uma roda em um teatro e se descobre. Ao se descobrir, se mover e se transformar, nos transforma. A impressionante coragem do Seu Joaquim evoca a paz quilombola que Edna Olímpia da Cunha traz de Beatriz

Nascimento: “Serenar o coração no meio da guerra se tornaria um ato de coragem, um modo de resistência ancestral” (Cunha, 2025, p. 133). Talvez serenar também tenha a ver com o tempo. Se a gente sabe que a guerra é de longa duração, não dá para estar toda a vida acelerado. É preciso deslocar no tempo da guerra os grãos de tempo da vida. O que faz com que nos perguntemos: serenar também não seria abrir um outro tempo?

Não é à toa que este livro de Edna Olímpia da Cunha nos convide tanto a perguntar. O capítulo V, “Quando as infâncias da favela perguntam, todo o quilombo pergunta com elas”, reflete sobre as condições na escola em que as perguntas podem servir a estratégias coloniais e sobre aquelas em que as perguntas podem ser resistência a essas estratégias. A “fisologia” proposta pela autora traz a potência de “lidar com o tempo, com a intensidade das perguntas e buscar os modos mais interessantes de acolhê-las, de aquilombar nelas e com elas” (Cunha, 2025, p. 147). Aqui, aquilombar é paralelo a acolher; afinal, como nos traz Beatriz Nascimento (2022), o quilombo não exclui ninguém.

Já no capítulo VI, “Das escrevivências: entre elas uma travessia”, Edna Olímpia da Cunha fala sobre as escrevivências entre escola e universidade, sobre esse duplo aspecto em que, de um lado, aparecem as dificuldades com a escrita; e, do outro, a possibilidade de inventar na e com a escrita. bell hooks (2013, p. 114) afirma que “o ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz”. Temos visto aqui que é muito mais que ouvir, é um escutar os seres com os que estamos em relação. Nesse sentido, também nos aproximamos de uma escrevivência, pois, como nos lembra Conceição Evaristo, a escrita como escrevivência “traz a potência do coletivo”.

E é no capítulo VII, “Aquilombar cartas, guardados e memórias”, que essa dimensão coletiva do ato de escrever se encontra com alguns dos gêneros literários que mais a potencializa: as cartas e as escritas de memórias falam de escrever em relação, produzindo relação, sobre a relação. As próprias cartas têm a sua dimensão de memória, de sagrado e de comum.

A riqueza do livro não se encerra nos capítulos: os anexos ainda nos presenteadam com duas entrevistas e duas experiências de pensamento em que aparecem as falas das crianças, sobre mapas, destinos, desvios e atenção; o

diálogo com os membros do NEFI; e os relatos das professoras sobre terem encontrado no NEFI a alegria infantil da brincadeira, do encontro, de “ser criança”.

um chamado ao quilombamento, quilombando!

Este livro fala sobre quilombamento, quilombando crianças, professoras e professores, trabalhadoras e trabalhadores da escola pública, junto a familiares, docentes universitários, autores e autoras de diversas origens.

Edna Olímpia da Cunha convida mulheres negras, autoras, para dialogarem com seus pensamentos acerca da resistência contínua de um “vir a ser” quilombo. Além de Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, já mencionadas aqui, também chegaram para o diálogo Leda Maria Martins (com quem abordará o poder da palavra pronunciada), Sueli Carneiro (com quem ela pensará sobre como o ser humano é definido em termos de “brancura”), Mariléa de Almeida (com a qual explorará o livro *Devir quilomba*) e bell hooks (com quem abordará o amor).

Outros autores também se farão presentes nas reflexões, tais como: Nego Bispo (com quem refletirá sobre a ação contracolonial e o reconhecimento dos “quilombos” e dos movimentos dos comuns como atores políticos), Ailton Krenak (com o qual dialogará sobre o sonho e a conexão com os outros seres não humanos, que fazem parte do quilombamento), Wanderson Flor (com ele, pensará que a ancestralidade se manifesta não apenas como herança biológica, mas também um pertencimento que se constrói no coletivo), Renato Nogueira (com o qual abordará o amor, assim como bell hooks), Walter Kohan (com quem pensará sobre a infância e a filosofia, como forma de estar no mundo, como a possibilidade de que “Tudo possa ser de outra maneira”), Giuseppe Ferraro (com quem explorará a filosofia e sua potência conectiva) e Paulo Freire (com o qual compartilhará a paixão pela educação e o chamado a se manter juntos).

Esse quilombamento do pensamento se completa com pessoas que caminham ao lado de Edna Olímpia da Cunha em sua jornada cotidiana, como familiares, professoras, alunas e alunos, amigas e amigos, chamando cada uma delas pelo próprio nome. Alguns exemplos são as professoras e amigas Kariny,

Reilta e Carolina, a aluna Dona Julia e o aluno Renan, ou a avó Ana, que canta para nós “Sonho meu, sonho meu, vai buscar quem mora longe, sonho meu...”, de Dona Ivone Lara.

outras considerações

É também interessante pensar que, mesmo fazendo referência repetidamente às palavras “quilombo” e “aquilombamento”, a autora não trabalha a etimologia ou o conceito em si de “quilombo”. Ao mesmo tempo, no posfácio, “Uma escola feita quilombo ‘fisolofante’”, Walter Kohan ensaia sentidos e significados dessa palavra não só no Brasil, mas também no contexto da América Latina.

Esse livro, cheio de perguntas, convida a pensar junto, a nos questionar. Sua leitura evoca em nós diversas perguntas, como: o que há na palavra “insistir” que dialoga com as infâncias da periferia? A insistência é uma característica das infâncias? Seria também um mecanismo de sobrevivência? Pode a insistência infantil ser uma forma de resistência? Onde insistência e resistência se encontram? A infância que insiste também resiste?

Uma escrita que aquilomba e convida a aquilombar; que estende o convite ao aquilombamento feito pelas crianças da Escola Joaquim da Silva Peçanha a Edna Olímpia da Cunha, chamando-a para participar das experiências da filosofia na escola. Chamaram-na para “fisolofar” junto ou, como também dirá a autora, para sonhar junto. Esse livro é um chamado a pensar e sonhar de forma coletiva. Olhando para os aquilombamentos que já existem nessa escola, o texto nos convida a sonhar e cultivar um mundo – e uma escola – mais aquilombado, onde não haja discriminação e a comunidade se faça presente, onde se tornar professora possa ser uma arte quilomba menina!

referências

- CUNHA, Edna. *Por um dever quilombo na escola pública: resistir com infâncias na filosofia*. Rio de Janeiro: NEFI, 2025.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de M. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*. São Paulo: Ubu, 2022.

ana corina salas correa:

bacharel em filosofia pela universidad central de venezuela. mestra e doutoranda em educação pela uerj, pesquisa filosofia da educação com foco em “escolas que não são escolas”, práticas educativas não coloniais. aprendiz de capoeira angola no grupo iuna de capoeira angola.

renata karla magalhães silva:

professora de sociologia do campus tijuca 2 do colégio pedro II, licenciada pela unicamp. mestra em filosofia pela puc-sp e doutoranda em educação pela uerj, pesquisando a escuta e o amor na educação. pesquisa também com a palhaçada, a poesia e o canto. mãe da manuela e da isabela.

cristiane fátima silveira:

pedagoga nas redes públicas municipais de prados e são joão del-rei (mg). mestra em educação pela ufsj e doutoranda em educação pela uerj. pesquisa educação e suas interfaces com as imagens e a poesia, arte-educação e filosofia com crianças e infâncias. mãe da maria clara e do josé felipe.

como citar esta resenha:

ABNT:

CORREA, Ana Corina Salas; SILVA, Renata Karla Magalhães; SILVEIRA, Cristiane Fátima. Tornar-se professora pode ser uma arte quilombola menina? *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-9, 2025. Disponível em: _____. Acesso em: _____.

APA:

Correa, A. C. S., Silva, R. K. M., & Silveira, C. F. (2025). Tornar-se professora pode ser uma arte quilombola menina? *childhood & philosophy*, 21, 1–9.

créditos

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável.
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável
 - **Contribuição dos autores:** Conceitualização; Redação, revisão e edição do texto.; Análise formal; Investigação: SALAS CORREA, A. C.; MAGALHÃES SILVA, R. K.; SILVEIRA, C. F.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade :::plagium****

submetido em: 05.09.2025

aprovado em: 23.09.2025

publicado em: 30.09.2025

editora: magda costa carvalho